

A PRESENÇA DO/A PROFESSOR/A NEGRO/A NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO NO CAMPUS DON DELGADO ¹

Raimundo Nonato Silva Júnior

Mestre em Educação

Universidade Federal do Maranhão – COLUN – choconato13@yahoo.com.br

Zeila Sousa de Albuquerque

Mestra em Educação

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – prof.zeila@uifma.edu.br

Resumo: O presente estudo versa sobre a presença de professores/as negros/as na Universidade Federal do Maranhão/UFMA. Objetiva analisar a questão da identidade étnico-racial, particularmente a negra, discutindo os processos de construção do atual quadro docente da Universidade Federal do Maranhão/ UFMA. Para subsidiar nosso estudo, utilizou-se, as seguintes fontes bibliográficas: Carvalho (2002); Le Goff (1994) Souza (1983), entre outros. Os sujeitos do estudo selecionados foram 08 docentes da Universidade Federal do Maranhão, Campus do Bacanga, sendo quatro homens e quatro mulheres dos Centros de Ciências e Ensino da UFMA, a saber: Centro de Ciências Humanas (02), Centro de Ciências Sociais (02), Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (02) e Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (02). O instrumento de coleta de dados utilizado foi entrevista semi-estruturada. verificou-se a pouca presença de negros como professores universitários no quadro docente da Universidade Federal do Maranhão.

Palavras-chave: Professores/as negros/as. étnico-racial. Universidade.

Introdução

Nosso estudo consubstancia uma discussão que vem ganhando a devida importância na sociedade, sobretudo no que diz respeito ao novo olhar sobre temáticas que outrora não figuravam no conjunto de questões que podem e devem remodelar as estruturas da sociedade brasileira. Tais como: Ações Afirmativas, Identidade, Resistência Cultural e Gênero, por exemplo.

Nos últimos anos, houve algumas preocupações referentes à questão negra no Brasil, e reconhecemos algum avanço, mas cabe registrar, ainda, inúmeras ausências, dentre as quais estudos sobre a presença dos/as negros/as, no Brasil hodierno, no que se refere à educação formal. Razão pela qual pretendemos analisar o tema da identidade étnico-racial, particularmente a negra, tendo como foco os/as professores/as negros/as, em uma instituição do Ensino Superior.

Por esse motivo, para estudar as questões étnicas e raciais e docência, tivemos como referência o quadro de professores/as da principal Instituição Federal de Ensino Superior no

¹ Este trabalho é fruto de um Projeto de pesquisa desenvolvido em uma parceria entre o Instituto Federal do Maranhão – IFMA e a Universidade Federal do Maranhão– São Luís.

Estado do Maranhão: a Universidade Federal do Maranhão/UFMA², tendo como *lócus* o Campus do Don Delgado, e tomando como parâmetro, suas relações cotidianas.

Esse debate nos impeliu a fazermos inúmeros questionamentos, dentre eles destacamos os que são relevantes para o nosso estudo: Qual seria a representatividade de professores/as negros/as na Universidade Federal do Maranhão – Campus do Bacanga? Há um processo de “embranquecimento” social e identitário, como já demonstrado em pesquisas sobre a identidade de negros em processo de ascensão social? (SOUZA, 1983).

Deste modo, analisamos discursos por meio de uma amostragem, a identidade étnico-racial, particularmente a negra e suas práticas cotidianas de resistência, tomamos como referencial a atual configuração do quadro profissional de professores/as da UFMA, tendo por base o que Jacques Le Goff (1998, p. 120), aponta ao afirmar que:

A história atual é, com certeza, o presente vivido transformado em história, mas é também a indicação de que fazer-se história do passado se valoriza tornando esse passado atual em relação ao momento em que ele existiu, tal como os homens e as mulheres então o vivem e que alguns os escreveram, mas atual também porque suas consequências ainda mexem conosco e estão sempre presentes, reinterpretada à luz do presente.

Ainda o citado autor, também nomeia a história atual como contemporânea ou presente, sendo a história atual de grande importância, pois os seus contemporâneos estão com ela comprometidos. Dessa forma, a narração é vista como uma das fontes históricas para o trabalho do historiador, visto que é imprescindível ir além do relatar, sendo preciso explicar. Contudo, para o autor (1998, p. 103), nesse esforço para a explicação se encontra uma tentativa de “ressurreição integral” da história, a qual se torna sem sentido, é preciso “reencontrar o sabor do passado, a vida os sentimentos, as mentalidades de homens e mulheres”. Sendo assim, é por meio da historiografia do presente que vamos compreender outros períodos e a própria ligação com o presente.

2 Presença do/a professor/a negro/a na UFMA

Ao pesquisarmos sobre os dados dos/as professores/as quanto ao nível de escolaridade, percebeu-se que a maioria dos/as entrevistados/as são doutores, apenas um professor tem o título de mestre.

² No caso específico deste estudo consideramos afro-maranhenses, professores Negros que ministram suas atividades docentes na UFMA, independentemente da sua origem ou da instituição onde Pós-graduou-se.

No conjunto de professores/as pesquisados/as a maioria se auto-declarou preta, três declararam-se parda e somente uma, negra, vale ressaltar que a categoria negra foi acrescentada pela própria entrevistada, pois esta não conta na classificação racial do IBGE, que adotamos na pesquisa para auto-classificação dos/as entrevistados/as (branco, amarelo, preto, pardo e indígena).

A informação sobre a questão cor é de suma importância para o enfrentamento da discriminação étnico/racial nas políticas de promoção de igualdade racial, principalmente porque no Brasil, o racismo se materializa principalmente pela cor da pele, e não por uma herança genética, como verificado em outros países como EUA e África do Sul.

Em se tratando da cor que consta no registro de nascimento dos/as professores/as, percebemos uma grande diferença no que foi revelado pelos próprios sujeitos na auto-classificação, visto que grande parte se auto-declararam preta, no entanto nenhum dos/as entrevistados/as está registrado/a como preto, a maioria está como pardo, sendo um como branco, outro moreno e até mesmo a inusitada classificação, Faioderme.

Nesse sentido, percebemos que, nos dias atuais, as pessoas estão lidando melhor com a questão racial. Os negros estão se assumindo enquanto grupo étnico conforme ratificam as últimas pesquisas do Censo, que revelam que houve uma mudança significativa na configuração da população brasileira ao longo do século.

3 Reflexões e resultados alcançados

Os/as professores/as negros/as convidados para fazerem parte da pesquisa pertencem ao quadro de professores efetivos da Universidade Federal do Maranhão, e, no intuito de preservar os nomes destes/as, escolhemos nomes de países do continente africano, conforme as características individuais de cada um/a. Deste modo, escolhemos os nomes dos seguintes países: Mauritânia, Mali, Nigéria, Quênia para representar as professoras, e Sudão, Congo, Angola e Egito, para representar os professores.

Para identificar a presença de outros/as professores/as negros/as nos Departamentos em que trabalham, assim como conhecer o perfil étnico-racial da Universidade, perguntamos aos/as entrevistados/as com quantos colegas negros/a eles conviveram no Departamento no período de seu exercício de magistério na UFMA. Perguntamos também, se houve algum episódio marcante? Quantos professores negros na Universidade você conhece atualmente? (Quantos são homens e quantos são mulheres?) A que eles atribuíam o quantitativo existente?

Para compreender como se deu o processo de invisibilidade do negro nas Instituições de Ensino Superior no Brasil e no Maranhão é preciso fazer um estudo no sentido de buscar encontrar uma identidade propriamente da brasilidade cristalizada na obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala* (1933) que vislumbrava uma cordialidade de convívio inter-racial que justificaria a mestiçagem no Brasil. Ponto de vista já comentado em capítulos anteriores.

Esta tese defende que aparentemente não houve uma demarcação tão nítida na sociedade entre o branco e negro. No entanto, a democracia racial realmente não passa de um mito, pois percebe-se que é enrustido, escamoteado e em muitas vezes revelado. Como podemos aferir nas falas abaixo:

Egito	<i>“Ótima pergunta... sabemos que existe o discurso que se vive numa democracia racial, mas se sabe que é um preconceito demagógico e uma mentira. Desde aluno no Curso de Graduação que fiz éramos três a quatro alunos negros, se contava numa turma de trinta e cinco. Agora apenas três (negros) no Departamento. E já houve episódio com uma das três colegas (numa certa viagem nesses Programas que agente dá aula pelo interior, sumiu um objeto e mesmo tendo varias outras professoras minha colega foi acusada e se sentiu mal. Depois se achou o perdido e a pessoa pediu desculpas, mas ficou o episódio. Na UFMA, no máximo tem quinze professores negros no Campus do Bacanga, a maioria é de homens. Uma hipótese que a mulher negra tem mais dificuldade, para ascender como professora universitária, mas não tenho esses dados.)</i>
Congo	<i>“É uma pergunta muito interessante e ao mesmo tempo é uma pergunta que demonstra o quanto a instituição UFMA ainda carece de aberturas nesse sentido, nesses 14 (catorze) anos o concurso público do qual eu participei, em 1997, eu fui o último negro a entrar no Departamento. Então, de fato, negros engajados, ou negros que se autodenominam pertencentes a essa etnia, eu convivo no Departamento com duas pessoas, uma sou eu próprio e o outro é um Professor, meu companheiro de atividade do Departamento, é muito estranho pensar que um Departamento, com trinta e três pessoas, nós tenhamos apenas dois negros digamos assumidos, dentro do próprio Departamento, isso é uma questão que salta aos olhos, de como ainda a instituição necessita de criar mecanismos e condições pra que você tenha de fato a abertura de concursos ou estímulos de ex-estudantes a se tornarem docentes, caminharem na área e poderem ocupar esses cargos, quando da ocasião da efetivação desses concursos”.</i>
Nigéria	<i>[...] eles nunca me deixaram ser chefe de Departamento [...] Quando passei a ganhar mais a raiva começou. Depois que cheguei com mestrado 25%, doutorado 50%, pós-doutorado era pra mostrar que queria não era percentual. Mas era pra melhorar a sala de aula. Aqui de negra só entrou uma professora. Você nasce canela, marrom, café-com leite, tudo misturado [...] Na UFMA, conheci Vera Lúcia Almeida, afamada, que foi até Diretora do CCET [...] aí eu não conheço nenhuma história que concerte o passado, mas conheço uma coisa a Educação.”</i>
Angola	<i>“Três, quatro, no Departamento e fora, tem uns quatro ou cinco amigos. Realmente no colégio tinha mais negro [...] Eu não sei te dar a precisão, mas sei que aumentou bastante. Talvez, talvez vinte a trinta por cento. É até um trabalho que eu tenho que fazer isso, quem me pediu pra fazer isso foi o professor Jorge Carvalho, fazer levantamento dos professores negros da Universidade, e eu não fiz ainda. A impressão que eu tenho é que tá em torno de trinta a quarenta por cento da população dos professores, assim grosseiramente, viu [...]”.</i>

Mesmo “Angola” informando que aumentou bastante, evidencia a pouca presença, pois em seu Departamento haveria aproximadamente uns 4 (quatro) [algo em torno de 10% do quadro da sua unidade] e a mesma quantidade fora, nos outros Centros, que equivale a menos de 1% do número total de professores – os da universidade). “Nigéria” discorre sobre uma suposta relação conflituosa com seu Departamento. Mesmo sendo uma professora qualificada e uma das primeiras a fazer Mestrado e Doutorado, nunca foi chefe de Departamento. O que estaria por trás dessa não aceitação?

Podemos perceber que a trajetória dos processos educacionais ou da educação superior no Brasil revela o quanto o negro ficou excluído. Em meados do século XX foi criada a Faculdade Nacional de Filosofia, que ajudou a se agregar a Universidade do Brasil (1939). A questão racial não foi discutida, então, e confirmou-se, pela ausência de questionamento, de que estaria destinada a educar a mesma elite branca que a criara. Na mesma época, a Universidade de São Paulo USP, centro de excelência universitário, foi criada sem sequer questionar a exclusão racial praticada em todos os níveis da sociedade. Ainda, conforme afirma Carvalho (2002, p. 5):

[...] Guerreiro Ramos, um dos grandes sociólogos e pensadores da condição nacional brasileira, formou-se na primeira turma da Faculdade Nacional de Filosofia, porém não conseguiu ser professor da instituição - vítima de várias perseguições (inclusive raciais), foi excluído do grupo seleta que formou a geração seguinte à sua na primeira universidade pública brasileira. Da mesma forma, Edson Carneiro, um dos maiores estudiosos da cultura do negro no Brasil, não conseguiu exercer a cátedra de Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro [...].

Evidencia-se, com contundência, a necessidade de problematizar acerca da constituição, formação e consolidação da universidade brasileira, considerando a presença, ou melhor, a ausência do negro professor e até mesmo como estudante.

Outros/as entrevistados/as, mesmo sendo otimistas, não conseguem se quer lembrar dos nomes de colegas negros. Revela, pois, uma presença pouco representativa, contradizendo-os quando dizem que tem bastante ou que aumentou consideravelmente o número de professores negros na UFMA:

Quênia	<i>“Não, no meu Departamento temos uns oito professores dessa cor, dessa etnia [...] eu conheço [...] na Universidade como todo não sei estimar [...] mais no Departamento de Biblioteconomia é o que mais tem negros [...]”.</i>
Mauritânia	<i>“Tenho, tenho hoje. Vou dizer, mas não sei se ele [...] uns cinco [...] homens são a maioria [...] Matemática não tem ninguém (falando das mulheres) umas quatro fora, mais ou menos 15 mulheres, mais homens tem mais”.</i>
Sudão	<i>“Costumo brincar que se fizerem cotas no meu Departamento deveriam fazer pra brancos porque a maioria em termos de características globais são negros [...] o padrinho do meu filho, um dos meus melhores amigos, minha namorada atual ela é</i>

	<i>negra. Essa coisa de raça é coisa da eugenia, arianos etc. A Europa é tribal, mas nós não somos odiosos como eles[...] quando fiz doutorado não fui para a Alemanha pelo ódio racial. Nos Departamentos de modo geral tem muitos negros, na área técnica sempre teve mais negro mesmo”.</i>
Mali	<i>“Aqui no Departamento tem a presença caracteristicamente negros, morenos, pardos. Os brancos são a minoria. Número expressivo 33 professores ao todo. Na UFMA a metade é negra. Consequências dos nossos professores maranhenses em essa formação da população.”</i>

Quando se diz que não há um preconceito racial declarado ou que há um número expressivo de professores negros na UFMA, universaliza-se apenas a concorrência, mas não as condições para competir. De maneira que, para ser realmente democrática, é preciso uma igualdade econômica, social e cultural, pois a discriminação racial, sempre foi um fator de seletividade na universidade brasileira. É o que o antropólogo José Jorge de Carvalho (2002) chama de “*Ação negativa nos meios acadêmicos*”.

4 Considerações

O estudo nos possibilitou verificar a pouca presença de negros como professores universitários no quadro docente da Universidade Federal do Maranhão. Pois, quando perguntamos quem são e onde estão esses negros, alguns respondem contraditoriamente de forma genérica, no sentido de dizer que são *bastante ou que [...]* “*Com certeza, o número aumentou*” [...].

Desta maneira, identificamos traços, indícios, pistas em que, mesmo sendo insipiente, na UFMA, uma política pública que favoreça a constituição de uma identidade étnica, há possibilidades de uma construção da identidade negra nesta Instituição, por conta de que mesmo não havendo nenhuma comunicação entre os sujeitos pesquisados, alguns formularam uma mesma linha teórica no tocante a concepção da questão étnico-racial.

Referências:

CARVALHO, José Jorge de; SEGATO, Rita Laura (orgs.). **Uma proposta de cotas para estudantes negros na Universidade de Brasília**: Universidade de Brasília, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. São Paulo: Global, 1933.

LE GOFF, Jacques. **Uma vida para a história**: conversações com Marc Huergon. São Paulo: Fundação Editora.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.